

OLIVER LTD.

Maquinas de escrever
de todas as marcas

"CONTINENTAL & ERIKA"

Duplicadores "Gestetner's" e "Ró-
tó" - Maquinas de calcular "Trium-
phator" e "Loga" - Acessorios para
todas as maquinas - Oficina de re-
parações e construções em todos
os sistemas de maquinas de escre-
ver e electricas - Nickelagem e Es-
maltagem - Deposito de material
electrico e instalações em todos os
generos

PRODUTOS "RIBOLDA"

Sede: Rua da Prata,
250, 2.ª - Lisboa

TEL. N. 5158, C. 2428 - TELG. VIRELO

Exposição e Vendas
Rua Augusta
72-74

REVISTA
PORTUGUESA

DIRECTOR
VICTOR FALCÃO

LITERATURA, CRITICA D'ARTE,
SPORT, TEATRO, MUSICA,
VIDA ESTRANGEIRA.

NUM. 6



QUER DINHEIRO? JOGUE NO GAMA

R. AMPARO, 51—LISBOA
TELEFONE—NORTE 4020

QUEREIS POSSUIR DENTES
BRANCOS E CONSERVAR A
SAUDE DA VOSSA BOCCA?
USAE DE PREFERENCIA A

PASTA. DENTIFRICA "POMPADOUR"

FABRICA E DEPOSITO
PERFUMARIA MENDONÇA
43, CALÇADADO COMBRO, 47
LISBOA

Suisse Atlantic Hotel

(Antiga Pension Hotel), Lisboa—Rua da Gló-
ria, 3 (à Avenida da Liberdade, a 2 minutos
da gare Central) Gerente, A. Braz—Teleph.
3052 N.—120 quartos higienicos e confortaveis
—"Apartements" com salão, casas de banho,
W. C., etc. Esmerado serviço de cosinha—
Água quente e casas de banho em todos os
andares.—Ascensor

REVISTA PORTUGUESA

DIRECTOR

VICTOR FALCAO

LITERATURA, CRITICA DE ARTE,
SPORT, TEATRO, MUSICA,
VIDA ESTRANGEIRA.

SUMARIO

DESENHO, de Jorge Barradas; A SUPERSTIÇÃO DO ES-
TADO-PROVIDENCIA, artigo de Cristiano Lima; A ENTRE-
VISTA DESTA SEMANA, por José Dias-Sancho; REVISTA
DAS REVISTAS, por Alvaro Maia; EXPOSIÇÕES DE ARTE,
por Mario Domingues; DOS NOVOS LIVROS, por Rebello de
Bettencourt; O CINEMA, por Henrique Roldão; MUSICA, por
Ivo Cruz

Publica-se aos sabados—Assinaturas: serie de 4 núme-
ros, 4 escudos. Avulso, 1 escudo—Edição e propriedade
de V. Falcão—Officinas tipograficas, Rua do Mundo, 116—
Escritorios, Rua Nova do Almada, 46, s/loja

Sabado
21 de Abril de 1923

Exposições de Arte

Na Sociedade Nacional de Belas Artes

A confirmação plena das considerações severas que acerca do academismo fizemos na critica anterior, encontra-la-há quem, munido de um pouco de paciência, visitar a exposição anual que na Sociedade Nacional de Belas Artes presentemente se patenteia.

Dois motivos apenas nos obrigam a escrever acerca dessa exposição algumas linhas amargas: a necessidade de bem elucidar o publico desta revista e a urgencia de defender com mais vigor as teorias modernas de arte plástica. Não fossem esses motivos, e nós não diríamos uma só palavra, porquanto o apreciador deve ter o cuidado de referirse apenas áquelas manifestações de arte sã, de arte verdadeira, de arte que mergulhe suas raízes na época em que se produz e seja realmente a expressão de beleza em harmonia com aspirações sinceras do homem.

Tem apenas uma utilidade a exposição anual da troupe academica, defensora de velhos processos: mostrarnos que a sua decadencia é cada vez mais acentuada e que essa arte, a despeito do ambiente de estufa que á sua volta se cria para obrigá-la a viver, se encontra agonizante.

Os sintomas alarmantes de agonia, o estrebuchar tragi-comico que observámos, levam-nos a vaticinar para muito breve a queda completa do academismo, que fez a sua época, é certo, mas que presentemente, pretendendo viver e perdurar, vai contra os sentimentos e novas sensações que o homem experimenta.

O facto de terem arvorado o sr. Alves Cardoso em representante maximo do seu genero de pintura, re-

vela que os velhotes teimosos contam com uma falta absoluta de gente, de intelligencia e de espirito.

Alves Cardoso, a despeito de terem adquirido para o Museu de Arte Contemporanea, um quadro seu que revela a sua completa ausencia de espirito, a sua chateza intelectual, a sua pobreza de sentimentos de estética, é, mesmo encarada a sua obra pelo criterio academico, uma autentica nulidade. Que possui Alves Cardoso que mereça a atenção official? Um preciosismo reles, servido por *trucs* muito velhos, muito descarados que saltam á vista do mais ignorante em materia de arte. Será possivel que o sr. Cardoso tenha da côr uma visão tão pobre, que não lhe permita descobrir na paisagem senão duas côres, sempre as mesmas: um verde artificial e um amarelo de fezes de menino pequenino?

O quadro que o Museu lhe adquiriu por seis contos é uma verdadeira miseria: uma camponesa sem caracter, sem verdade, que se sabe ser camponesa por trazer um pauperrimo trage regional; uma camponesa a *posar* para o pintor — vê-se mesmo que está em *pose* — colocada no tal ambiente de verdes artificiais e amarelos obscenos.

Pois, este homem é o artista representativo das forças academicas deste ano. Este homem é, no entender de quem organizou a exposição, o artista que reúne em si as qualidades maximas da pintura academica. Estão bem servidos, coitados...

Com este cavalheiro á frente, segue a multidão de expositores, aos quais não fazemos referencia especial, por a amostra ser bastante elucidativa.

Entre essa multidão destaca-se, entretanto, um homem, um artista, que nos parece impossivel não tivesse sido asfixiado pela vulgaridade que o rodeia. Esse artista é Ortigão Burnay. Destaca-se da multidão. Possui espirito, possui intenção. Os retratos que expõe revelam vida intensa. Quasi podemos conversar com as retratadas. Se na tela grande que apresenta não tivesse vestido á figura, que fixou com tanta arte

e espirito, um fato de papel verde, bem melhor seria. Devemos, no entanto, citá-lo como artista porque o é realmente. O colorido que emprega, a pincelada larga e vigorosa com que trata os seus assuntos, o ambiente de que os rodeia, impõem-no como retratista moderno.

A nota triste da exposição encontrámo-la no sr. Luciano Freire que, talvez influenciado por maus conselheiros, abandonou por momentos a arte de restaurar quadros antigos, profissão que sendo nobre aniquila todas as qualidades naturais, e pintou um retrato original que é uma verdadeira desgraça.

Quanto ao resto — exceptuando um quadro de H. Nunes, pleno de espirito e de intenção, que aqueles senhores das Belas Artes colocaram no alto duma parede, quasi escondido — não merece menção. E' tudo a mesma amalgama de vulgaridades e de ficções artisticas.

E' possível que alguém se admire de uma exposição nacional nos merecer tão poucas palavras e que não façamos referencia á escultura, ainda mais pobre do que a pintura. A esse alguém responderemos que nos falta a visão critica de extraordinaria extensão que levou o sr. A. P. do *Diario de Lisboa* a encontrar assunto para uma série de artigos formosos como hexigas de porco plenas de vento...

Mamia Gameiro

Mamia Gameiro que expoz seus trabalhos no seu atelier da rua D. Pedro V, é um dos mais puros temperamentos de artista que temos encontrado. E se afirmamos que esse temperamento é realmente puro é porque estamos convencidos de que pouca gente encontraria em si forças tão poderosas, como ela possui, para resistir, e vencer até, o ambiente desfavoravel que respira.

Nada há mais prejudicial para um artista novo do que possuir um pai igualmente artista. Dificilmente

o temperamento que principia a revelar-se consegue furtar-se á influencia enorme que exerce uma pessoa de familia. O contacto constante, a troca de impressões, o convívio estreito levam quasi sempre o filho a perder por compello a sua personalidade. Temos entre nós alguns exemplos. Basta citar-se o de Carlos Reis e João Reis para que ás nossas palavras seja atribuida a verdade que contém.

Mamia Gameiro, vive paredes meias com seu pai e sua irmã Helena Gameiro. Seria natural, pois, que sua arte se assemelhasse á de seus parentes tão proximos. Pois dá-se positivamente o contrario. Mamia possui uma originalidade, uma graça toda sua. Se abandonasse aqueles assuntos de *natureza morta* — encanto das meninas *Soizas* — e olhasse a vida mais de perto, Mamia Gameiro impôr-se-ia, em breve, como uma das senhoras de mais formoso espirito da nossa geração. Não queremos dizer que esses assuntos não sejam tratados por Mamia com certa originalidade. Mas estamos convencidos que sua alma, sua sensibilidade requintada vibra mais intensamente perante aquelas paisagens tão características da Ericeira do que perante um pero ou uma maçã.

A tecnica de Mamia Gameiro é cheia de personalidade e o colorido muito seu. Pareceu-nos notar nos seus trabalhos marcada tendencia para a estilização. Devia aproveitar e conduzir essa tendencia de forma a melhor fixar o caracter das cousas que já consegue compreender com rara facilidade.

Joaquim Guerreiro

O caricaturista Joaquim Guerreiro, que expoz no Gremio Literario, não conseguiu ainda marcar com vigor a sua personalidade. Revela, é certo, algumas qualidades, como a visão risivel das cousas e, por vezes, uma certa sobriedade de traço. Mostra-se Joaquim Guerreiro um critico desassombrado em certos

trabalhos. Simplesmente a desigualdade de valor que se encontra de quadro para quadro, provam que Joaquim Guerreiro precisa trabalhar muito ainda para conseguir alcançar certa estabilidade de traço que ponha em destaque sua graça de humorista.

Mario Domingues

Dos novos livros

“Espanha”, de Antero de Figueiredo—“Chuva da Tarde”, de Antonio Sardinha

Esta *Espanha* de Antero de Figueiredo, não é a Espanha dos espanhóis nem a Espanha que nós vemos. É a Espanha que Antero de Figueiredo vê através da sua emoção de artista e da sua saudade portuguesa. Não é um livro de viagens comuns—é um livro de viagens dum coração que vibra «*ante a beleza-novidade exposta aos olhos viandantes*» para aprender a sentir melhor, com mais fina ternura, a beleza «*bem dita e louvada da terrinha de Portugal.*»

«Fui á França e não voltei francês;
Fui á Espanha e vim português.»

Depois das suas admiráveis *Jornadas em Portugal*—Antero de Figueiredo escreve a *Espanha*, que é não mais do que a continuação desse livro.

Sim, a *Espanha* é a segunda parte das *Jornadas em Portugal*. É a mesma emoção que aquece as paginas desses dois livros; é a mesma *paisagem interior* que nós vemos diante das duas paisagens—a portuguesa

e a espanhola. É o proprio Antero de Figueiredo que nos vem confessar a sua sensibilidade nacionalista, primeiro com um terceto da *Côrte da Saudade* de Antonio Sardinha:

«*Em todo o mundo há terra portuguesa,
desde que a alma a tenha na lembrança
e a sirva sempre com fervor igual.*»

Depois com as palavras saidas da sua pena, dizendo nos que «*continua a ser, neste novo livro de «Jornadas» um faccioso português que viaja na sua terra, ainda quando viaja na mais linda terra alheia.*»

Antero de Figueiredo é um dos mais altos e mais belos prosadores portugueses no mais largo e mais nobre sentido. Não escreve mecanicamente, alinhando palavras mortas, que são sempre mais belas aos nossos olhos do que aos nossos sentidos. Para Antero de Figueiredo, escrever é sofrer a comoção de um povo, que é o nosso. Cada palavra portuguesa é um ser vivo, arancado, a sangrar, do nosso proprio ser, morrendo... Em cada palavra da nossa lingua está um pouco de nós—não o nosso corpo, mas a nossa alma, e se não a nossa alma, a nossa dôr.. A palavra portuguesa é o nosso corpo imortal, porque é espirito. O corpo em que a nossa alma vive aprisionada e escrava—morre e apodrece, é barro e torna-se em cinza, e a cinza em nada. O nosso corpo é pó, que a nossa alma move por instantes, na frágil e curta vida, para ser arrastado, mais tarde, na morte, pelo vento—que talvez seja a alma das coisas...

Mas o corpo da palavra não morre, nem apodrece, nem o arrasta o vento. Nasce para não morrer. Nem é argila, nem é carne, embora, como em carne viva, dentro dele se ramifiquem veias, e dentro das suas veias gire e palpite, com o calor duma brasa; sangue vermelho—o nosso sangue, a arder na brasa da nossa dôr.

Só escreve bem português—não quem fôr procurar com cuidado e arte, aos nossos dicionarios, as pala-